

HUMBOLDT E SAUSSURE OU FILOSOFIA LINGÜÍSTICA

Urbano Zilles

Quase todos os grandes teóricos da linguagem em nossos dias posicionam-se a partir de Ferdinand de Saussure (1857-1913) ou em referência a ele. Sem diminuir os méritos de pioneirismo no campo lingüístico, poderá ser útil relacionar seus trabalhos com os de Wilhelm von Humboldt (1767-1835), iniciador da filosofia moderna da linguagem. Sabemos que o grande pensador e cientista suíço, considerado, por muitos, como fundador da lingüística moderna, entrou em contato com o pensamento de Humboldt quando estudou nas universidades alemãs de Leipzig e Berlim. Um estudo comparativo entre os dois poderá ressaltar não só a originalidade, como também limites nas colocações de ambos. Aqui apenas queremos acenar despretensiosamente para alguns elementos, que desafiam a reflexão filosófica.

1 — LÍNGUA E FALA

Entre os estudiosos de lingüística aceita-se, em geral, de maneira mais ou menos pacífica, a divisão tripla de Saussure: linguagem (*langage*), língua (*langue*) e fala (*parole*). O conceito de linguagem interpreta-se mais freqüentemente como a faculdade humana mais global, abrangendo os fenômenos da língua e fala. No centro dessa divisão está a **língua** como produto **social**, que forma um todo **em si**. Baseia-se numa espécie de contrato ou convenção entre os membros de uma comunidade lingüística. A **fala** é apresentada como **individual**, baseada na vontade e na inteligência. Língua e fala formam um todo e se condicionam mutuamente.

A distinção saussuriana de língua e fala apresenta problemas logo que se proceder a um exame mais sério. A idéia de língua como sistema é racional e abstrata. Reduz a fala a uma manifestação apenas relevante do ponto de vista psicológico. Parece mais adequada, tal conceituação, para interpretar a linguagem estruturada de maneira sistemática das ciências, sobretudo das ciências empíricas. Nessas todos os conceitos se condicionam mutuamente e cada termo tem seu lugar único e fixo no todo do sistema. O mesmo já não ocorre na linguagem cotidiana da vida, p.ex., na poesia. Neste campo, o sistema saussuriano, impregnado com a força e, ao mesmo tempo, com a fraqueza do pensamento mecanicista e analítico do fim do século passado, não satisfaz plenamente em termos de universais.

Se a língua, de alguma forma, deriva da fala, só nos sendo acessível através da mesma, torna-se problemático "ignorar" a fala para tomar a língua como objeto "em si". Se olharmos para o recurso vocabular da língua, podemos falar de um produto social. Mas, a simples oposição entre "fato social" e "ato individual" numa relação dualista oferece problemas. A própria língua apresenta também um aspecto individual, ao menos enquanto cada falante, de acordo com sua origem, seu meio social, suas disposições, sua educação etc. só dispõe de um recorte limitado e individual da língua de sua comunidade. Na fala poderá constatar-se, outrossim, ambos os aspectos, o social e o individual. É ato individual enquanto apresenta as idéias próprias, enfoque, sentimentos e disposições de cada falante. É social enquanto serve, na forma do diálogo, à comunicação interpessoal.

A distinção saussuriana pressupõe a idéia estática de uma língua dada. Entretanto sabemos que a língua é um processo na fala cotidiana. Colocando uma tônica unilateral sobre a língua, a sincronia e a denotação, abstrai-se do processo vital da língua, encarnada em formas significantes perceptíveis. Quando a lingüística restringir sua perspectiva à uma perspectiva tão universal e abstrata, tenderá a produzir especialistas de línguas ideais mas incapazes de falarem bem uma determinada língua como esta ou aquela. De que servirá tal lingüística para a sociedade humana?

2 — ÉRGON E ENÉRGEIA

A distinção saussuriana de língua e fala relembra o aspecto duplo que Humboldt mostrou na linguagem: **érgon e enérgeia**. Humboldt reconhece uma unidade entre pensamento, percepção e linguagem. Caracteriza a língua como um processo espiritual, como atividade (enérgeia), não apenas como obra (érgon). Com isso Humboldt, em termos saussurianos, acentua a fala, a totalidade da atividade lingüística de toda uma comunidade. A fala é o ponto

de partida para se compreender a língua, não vice-versa. A verdadeira língua é aquela que se manifesta no processo dinâmico da fala. A língua vive e sobrevive na fala. Esta é o pressuposto de toda determinação científica posterior, e uma não pode ser separada da outra. A partir da fala, a língua se desenvolve num sistema "objetivo" de regras com relativa autonomia.

Enquanto Saussure supervaloriza o aspecto estático da língua, na filosofia contemporânea encontramos algumas posições que acentuam mais o caráter dinâmico de um processo vital, arraigado no próprio ser do homem. Esses pensadores tentam enfocar a língua em sua dimensão pré-reflexiva, não apenas como objeto de estudo, mas como condição **sine qua non** da própria reflexão humana. Buscam uma axiomática (K. Buehler) ou os fundamentos implícitos, pressupostos nas diferentes ciências da linguagem. Servem menos diretamente à pesquisa positiva que à nossa compreensão do fenômeno lingüístico como acontecimento concreto. Aí a linguagem não é apenas meio para expressar conteúdos, mas media sempre também a presença do falante e do ouvinte. Nessa linha situam-se as tentativas de E. Husserl, Maurice Merleau-Ponty, M. Heidegger e H. G. Gadamer. Assim Heidegger, em suas "Erläuterungen zu Heiderlins Dichtung" (Frankfurt, 1963, 3.ª ed., p. 35) apresenta a linguagem como acontecimento (Ereignis), que só acontece na fala e é essencialmente como e enquanto fala. Constitui a existência (o ser-aí) do homem como um ser-com (Mitsein). É um existencial do Dasein. A linguagem é vista como um processo vivo, no qual vive uma comunidade. Só constitui sua realidade através da compreensão. Por isso não é apenas um meio de compreensão, mas envolve o próprio homem como condição para sua existência.

Entre os pensadores acima citados manifesta-se uma tendência de reduzir a linguagem à fala. Entretanto, falar só é possível, se há língua. E essa só existe como possível de ser falada. Por isso não se deve acentuar demais a dicotomia língua-fala, érgon-enérgeia. Sem dúvida, língua e fala são dois aspectos de uma e mesma realidade, na qual fala é mais que simples atualização da língua. A percepção do sentido (significação) dá-se ao nível da fala. A língua apresenta também um elemento dinâmico pelo qual participa na formação da palavra exigida pela situação vital concreta. Como elemento estático participa, outrossim, na produção atual de sentido (significação) pela fala.

3 — A LÍNGUA COMO SISTEMA DE SIGNOS

Saussure caracteriza a língua como sistema de signos. A atenção dada ao caráter sistemático da língua conduziu a lingüística moderna a grandes e indiscutíveis sucessos. Parece que o pensador suíço encontrou a idéia de sistema no próprio Humboldt, na idéia da filosofia romântica do organismo.

A língua é um todo, segundo o romantismo, um organismo articulado, cujas funções parciais são determinadas pelo todo. Nela não há elementos isolados, mas todos são parte de um todo. A idéia de organismo, entretanto, mostrou-se inadequada como princípio heurístico a ser aplicado à língua, pois, essa não é um organismo autônomo como o homem, o animal ou a árvore. A língua não subsiste em si mesma (mas só na fala). Por isso não coincide com as leis do crescimento de um organismo vivo. Sob este aspecto, o conceito de sistema e estrutura parece realmente mais adequado. Por outro lado, a totalidade serve, com certeza, como princípio heurístico muito fecundo. Mas, não deve ser absolutizada, pois, a língua também pertence à tradição cultural de um povo, sujeita à mutabilidade histórica.

Entretanto K. Buehler, em sua "teoria da linguagem", mostrou que não se pode considerar a linguagem apenas como "sistema de signos" para representar o mundo existente ou imaginado. A fala, na qual se encarna a língua, é também uma forma de ação humana. Por isso Humboldt podia considerar a linguagem como um fenômeno tão misterioso como o da própria vida na natureza. As funções das partes aí são determinadas pelo todo. Mas esse todo é sempre um axioma ou postulado antes pressuposto que demonstrado, também na lingüística saussuriana.

BIBLIOGRAFIA

- 1) BUEHLER, Karl, *Die Axiomatik der Sprachwissenschaften*, Frankfurt a. M., Vittorio Klostermann, 1969.
- 2) LUTHER, Wilhelm, *Sprachphilosophie als Grundwissenschaft*, Heidelberg, Quelle & Meyer, 1970.
- 3) MERLEAU-PONTY, Maurice, *Sinais*, Lisboa, Minotauro, 1962.
- 4) Do mesmo: *Fenomenologia da Percepção*, Rio de Janeiro, Freltas Bastos, 1971.
- 5) SAUSSURE, Ferdinand de, *Curso de Lingüística Geral*, S. Paulo, Cultrix, 1972, 4.ª ed.
- 6) VON HUMBOLDT, Wilhelm, *Ueber die Verschiedenheit des Menschlichen Sprachbaues*, Berlin, Königl. Akademie der Wissenschaften, 1836 (2.ª ed. Fac-simile, Bonn, Ferd. Duemmler, 1968).

PARTE ESPECIAL DA REVISTA DEDICADA AO ESTUDO DA METODOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Em julho do corrente ano tivemos a satisfação de orientar o curso sobre **Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa**, dentro da programação dos Cursos Intensivos.

Tivemos um belo grupo de colegas vindos de diversos pontos do Estado e de outros Estados, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Pará.

Resolvemos pôr em comum as experiências do magistério de grau médio ou superior a dividir os aspectos da Metodologia por grupos. Há, outrossim, trabalhos individuais de colegas que tiveram algo de especial ou de peculiar e realizaram a sua monografia.

Os trabalhos foram executados durante o Curso, daí que se notam algumas falhas quanto à bibliografia, ou quanto a certas imprecisões.

Alguns hiatos teriam sido evitados se os trabalhos tivessem merecido a tranqüilidade de um gabinete de estudo. Teriam perdido, entretanto, a riqueza de colocar as experiências em comum.

As falhas pertencem antes à orientação do Curso os méritos são todos dos colegas que realmente realizaram não só os esquemas, mas verdadeiras monografias sobre Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, nos diversos aspectos: Leitura, Interpretação de Textos, Redação, Análise Literária e Crítica.

Porto Alegre, 31 de julho de 1976.

Elva Clemente